



Freixo e Lindbergh esquecem Lula e brigam pelo 1313

Canibalismo eleitoral: Desunião do petismo fluminense prejudica votos de Lula no Rio

Se a direita não se une nacionalmente, o que dizer da esquerda no Rio? O que está acontecendo com o petismo fluminense é digno de um divã de analista. A reação de Marcelo Freixo e do deputado Lindbergh Farias foi vista pelos analistas políticos como uma infantilidade absoluta. Os marqueteiros da direita comemoram as rugas provocadas pelos dois, ao esquecerem que, na eleição passada, o número 1313 foi do deputado Quaqué. O seu mandato ainda está em curso (assumi o suplente) e ele está vinculado a Maricá. O número foi repassado ao presidente do partido do estado e ao candidato da região. Falar em capitania hereditária, como fizeram Lindbergh e Freixo, é promover desunião, ao invés de colocar a eleição de Lula em primeiro lugar.

O fator Freixo

Será que o eleitor da esquerda tem memória curta? A trajetória política de Marcelo Freixo é marcada pela transição entre os três principais partidos de esquerda (PT, PSOL e PSB), movida por reajustes ideológicos e estratégias eleitorais pragmáticas. Enquanto Quaqué sempre se manteve fiel ao PT, Freixo deixou a sigla em 2005, discordando das alianças políticas de centro-direita firmadas pelo primeiro governo Lula.

Freixo renegou as origens

Marcelo Freixo renegou o PT e tornou-se um dos fundadores e principais rostos do PSOL logo após a criação da legenda. Sem identidade partidária, pensou no próprio umbigo e abandonou o PSOL como fez com o petismo. Saiu em 2021, buscando uma sigla com maior flexibilidade para construir “frentes amplas” partidárias. Migrou para o PSB em junho de 2021, com o objetivo de centralizar uma coalizão progressista. Quis atrair o centro que renegou antes. Não deu certo.

Procurou a direita

Ele quer agora o 1313, depois que reassumiu a filiação ao PT em janeiro de 2023, deixando o PSB, logo após ser anunciado pelo governo federal para a gestão pública. Ganhou como prêmio de consolação a presidência da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - Embratur e até se saiu bem, mas aparelhou a estrutura do Rio com nomes ligados a sua agenda eleitoral. Na sua campanha a governador pelo PSB, contribuiu para a derrota do PT ao Senado.

Senatória do PT

Marcelo Freixo ataca Quaqué, mas atuou em 2022 para viabilizar a candidatura ao Senado de Alessandro Molon pelo PSB, dividindo os votos da esquerda e prejudicando a candidatura competitiva de André Ceciliano, outro histórico do PT, a senador. Deu de presente a reeleição do senador Romário, do PL. A esquerda, unida, não seria vencida para o Senado. Cadê a fidelidade ao PT para ganhar agora o 1313?

Lula em 2º plano?

Se o camaleão partidário Freixo ficou de birra, o que dizer do deputado Lindbergh Farias? Ele ataca o coordenador da campanha de Lula à Presidência no Rio. O prefeito de Maricá, Washington Luiz Cardoso Siqueira, popularmente conhecido como Quaqué, de origem humilde, ingressou no PT aos 14 anos, em 1985, e ajudou a fundar o diretório do partido em Maricá. Nunca teve outra legenda.

Apoio efetivo

Quando Fernando Haddad foi derrotado por Jair Bolsonaro em 2018, Quaqué foi o anjo da guarda dos petistas defenestrados do Palácio do Planalto. Deu abrigo aos grandes nomes do petismo nacional e os cargos públicos de Maricá tiveram gestores com status de ministros e secretários nacionais. Na vida privada, socorreu Lula e familiares, principalmente durante a prisão do hoje presidente. Que outro petista fez isso?

1313 é de Zeidan

Quem recebeu o 1313 no Rio foi o filho de Washington Quaqué, Diego Zeidan (também conhecido como Diego Quaqué), fruto de seu relacionamento com a deputada estadual Rosângela Zeidan. Atuou como secretário de Habitação da Prefeitura do Rio e exerceu funções na administração de Maricá. Ele harmonizou o PT e aceitou a candidatura da deputada Benedita da Silva ao Senado. Todos pensavam que o PT fluminense estava pacificado e unido para eleger Lula, até que surgiram as manifestações públicas de Lindbergh e de Freixo, além do boicote dos dois à convenção partidária.

O voo solo do PSOL

O PSOL, fundado por Marcelo Freixo, tem como pré-candidato a governador do Rio o vereador William Siri (PSOL), economista de 33 anos que teve sua pré-candidatura oficializada na convenção partidária. Suas principais propostas envolvem a reestatização da Cedae e melhorias na malha ferroviária. Terá como vice-governadora na chapa a Professora Juliana Carvalho (PSOL), historiadora natural de Volta Redonda. O lançamento de uma candidatura ao Senado pelo PSOL poderá criar problema para Pedro Paulo.

Amigos para sempre

Há uma máxima que diz que “esquerda vota na esquerda”. Os eleitores de Benedita da Silva trocarão Pedro Paulo por Mônica Benício (PSOL). A arquiteta e atual vereadora da capital fluminense foi confirmada para concorrer a uma das vagas ao Senado Federal. Sua plataforma política é voltada à defesa dos direitos humanos, pautas LGBTQIA+ e melhorias para as comunidades e favelas do Rio. Não causará surpresa se Freixo e Lindbergh (que foi colega de Mônica na Câmara dos Vereadores) estiverem de braços dados com ela. Ela pode tirar a eleição de Pedro Paulo.



Federação declinou do convite a Tereza para vice

Plano A com Tereza cai, e Flávio volta a buscar um vice

Sem o apoio da federação União Progressista, PL discute outros caminhos

Por **Beatriz Matos**

A decisão do PP e da federação União Progressista, do qual faz parte, de permanecer neutros na disputa pelo Palácio do Planalto obrigou o PL a recalcular a rota na reta final da montagem da chapa presidencial.

A possibilidade de ter a senadora Tereza Cristina (PP-MS) como candidata a vice de Flávio Bolsonaro, tratada nos bastidores como uma das principais apostas para ampliar o diálogo com o centro, perdeu força.

Sem o apoio da federação, o PL voltou a discutir outros caminhos para fechar a composição antes do início oficial da campanha.

REPUBLICANOS

Com a porta praticamente fechada no PP, as articulações passaram a se concentrar no Republicanos. Nos bastidores, o presidente da legenda, Marcos Pereira, iniciou consultas aos diretórios estaduais para medir o ambiente interno sobre uma eventual aliança com o PL na disputa presidencial.

As negociações vão além da escolha do vice. O desenho passa por acordos regionais e inclui a possibilidade de o PL abrir mão de candidaturas

em estados onde o Republicanos tenha nomes mais competitivos, como São Paulo, Sergipe, Acre e Rio de Janeiro.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), também participa das conversas e tem defendido o entendimento entre os dois partidos.

DANIELLA MARQUES

Entre os nomes que seguem no radar de Flávio está o da ex-presidente da Caixa Econômica Federal Daniella Marques, hoje filiada ao Republicanos. Natural de Barra Mansa (RJ), apesar da boa avaliação do presidencialismo, dirigentes da legenda ponderam que ela não possui trajetória partidária nem representação junto à bancada, fator considerado importante para ocupar a vaga.

Caso a conversa com o Republicanos não avance, o PL mantém uma alternativa de reserva: lançar uma chapa formada exclusivamente por integrantes do partido.

Internamente, porém, essa possibilidade ainda é vista como a última opção.

A avaliação de dirigentes é de que uma aliança com outra legenda amplia o alcance político da candidatura e fortalece a sua presença regional nos estados.